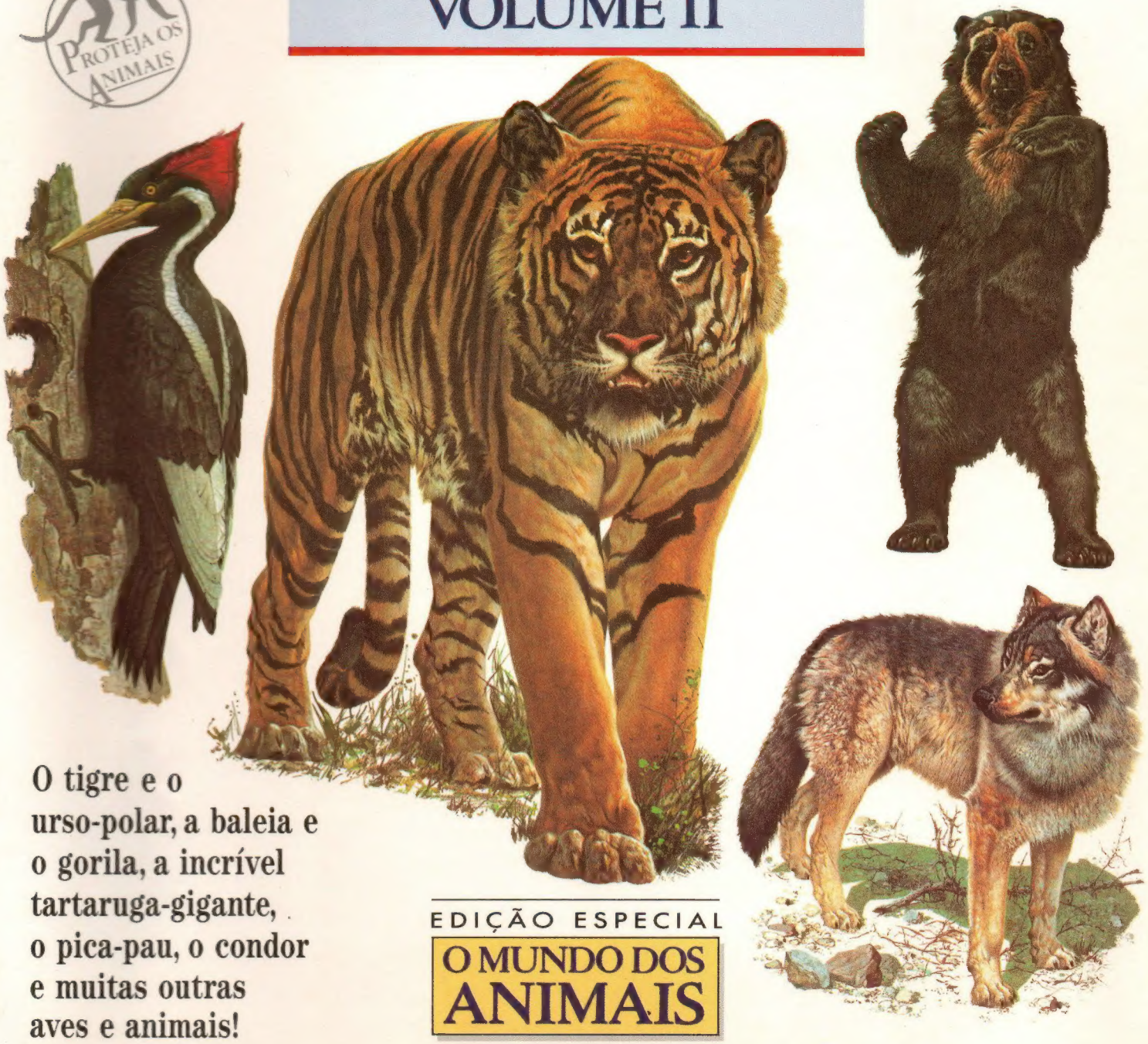
GUIA ILUSTRADO

ANIMAIS EM EXTINÇÃO

VOLUME II

PROTEJA OS ANIMAIS



O tigre e o urso-polar, a baleia e o gorila, a incrível tartaruga-gigante, o pica-pau, o condor e muitas outras aves e animais!

EDIÇÃO ESPECIAL

O MUNDO DOS ANIMAIS

GUIA ILUSTRADO

ANIMAIS EM EXTINÇÃO

VOLUME II

NOVA CULTURAL

EDITORA
NOVA CULTURAL
Fundador:
Victor Civita
(1907-1990)

© 1977 Arnoldo Mondadori Editore S.p.A., Milano.
© 1990, Editora Nova Cultural Ltda.,
São Paulo, Brasil, para a língua portuguesa.
1.ª Edição: © 1985, Editora Nova Cultural Ltda.

Edição organizada pela Editora Nova Cultural Ltda.,
Av. Brig. Faria Lima, 2000 — 3º andar
CEP 01452 — São Paulo — SP — Brasil.
(Artigo 15 da Lei 5 988, de 14/12/1973.)

Esta obra foi composta na Linoart Ltda.
e impressa na Divisão Gráfica da Editora Abril S.A.

Consultoria: Ladislau Alfons Deutsch, Diretor da Imparque S/C-Implantação de Parques, Reservas e Zoológicos (São Paulo).

FÉRIAS, VIAGENS, MUDANÇAS:
NÃO FIQUE COM A COLEÇÃO INCOMPLETA
Se você está saindo de férias ou pretende ficar longe de casa por algum tempo, avise antes seu jornaleiro. Ele poderá guardar os seus fascículos enquanto você estiver fora. Se você perdeu alguns números peça-os também ao seu jornaleiro ou entre em contato com o distribuidor da DINAP S/A DISTRIBUIDORA NACIONAL DE PUBLICAÇÕES que atende a sua cidade.

Você pode ainda pedi-los por carta à
DINAP S/A DISTRIBUIDORA NACIONAL DE PUBLICAÇÕES
A/C NÚMEROS ATRASADOS — Estrada Velha de Osasco, 132
Jardim Teresa — CEP 05350 — Osasco — SP
A remessa será feita ao distribuidor de sua cidade.

Obs.:
1) Quando pedir livros, mencione sempre o título e autor da obra.
2) Os pedidos serão atendidos ao preço da última edição existente nas bancas.
Atenção: Após seis meses do encerramento da coleção, o atendimento aos pedidos dependerá da disponibilidade do estoque.

Em **Portugal**, os pedidos devem ser feitos à Distribuidora Jardim de Publicações Lda.,
Qta. Pau Varais, Azinhaga de Fetais, 2685,
Camarate, Lisboa — Apartado 57.
Telex nº 43069, JARLIS P.

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO LEITOR
Encaminhe seus comentários, críticas ou reclamações ao Serviço de Atendimento ao Leitor,
Caixa Postal 9 442, CEP 01051, São Paulo.

SUMÁRIO

Urso-polar 68
Leopardo 70
Condor-da-califórnia 72
Leão-da-ásia 74
Tatu-canastra 76
Grou-americano 78
Gorila-da-montanha 80
Urso-de-óculos 82
Ariranha 84
Furão-dos-pés-pretos 84
Ganso-galinha 86
Cisne-trombeteiro 86
Urso-pardo-dos-pireneus 88
Lobo 90
Papa-moscas-do-paraíso-das-seychelles 92
Pica-pau-de-bico-branco 92
Filandra-de-rabo-escamado 94
Vombate-do-nariz-peludo 94
Leão-do-atlas 96
Pantera-nebulosa 96
Tartaruga-gigante-das-galápagos 98
Baleia-boreal 100
Lêmur-preto 102
Tigre 104
Faisão-tibetano-orelhudo 106
Faisão-pavão-de-palawan 106
Cervo-da-córsega 108
Sifaka 110
Chimpanzé-anão 110
Abutre-real 112
Águia-comedora-de-macacos 112
Castor-europeu 114
Esquilo-do-kaibab 114
Sapo-de-zetek 116
Salamandra-gigante-do-japão 116
Rinoceronte-indiano 118
Onagro 120
Gaivota-de-audouin 122
Albatroz-de-rabo-curto 122
Macaco-rabo-de-leão 124
Órix-branco 126

URSO-POLAR

(Thalarctos maritimus)

O urso-polar é um dos grandes carnívoros: tem cerca de 2 m de comprimento e seu peso pode atingir 700 kg. Apesar do enorme corpanzil, é bastante ágil. Consegue perseguir uma presa a 40 km/h, e nadar à velocidade de 5 km/h. As membranas que unem seus dedos fazem dele um excelente nadador. Além disso, o pêlo, longo e lubrificado pela gordura, funciona como um perfeito isolante contra o frio.

Distribuição geográfica. Espécie exclusiva do hemisfério norte, o urso-polar habita as regiões do Ártico (Alasca, norte do Canadá, Groenlândia, extremo norte da Europa e Sibéria).

Habitat. Os gelos eternos da calota polar, ilhas do oceano glacial Ártico e as costas setentrionais da América e Eurásia.

Medidas de proteção. O meio inóspito do Ártico torna difícil um cálculo do número de ursos-polares; estima-se que existam atualmente cerca de 20 000. Esse número reduzido é atribuído a diversos fatores — a caça de que têm sido vítimas, ao longo do tempo, e causas naturais. O urso-polar vive em grupos pequenos de três ou quatro indivíduos, e, por isso, fica mais exposto a agressões externas. A fêmea dá à luz uma vez por ano, e a cria é, no máximo, de três filhotes — número muito pequeno, que não favorece o aumento da espécie.

Até os dois ou três primeiros anos de vida, os filhotes permanecem com a mãe, com quem aprendem a caçar e a sobreviver. Nesse período, são extremamente indefesos e presas freqüentes do lobo, um de seus inimigos naturais.

O urso-polar goza de proteção na União Soviética desde 1956. No entanto, só em 1973 a Dinamarca, a Noruega, o Canadá, os Estados Unidos e a própria União Soviética se associaram num plano internacional de preservação da espécie. A caça foi proibida em águas internacionais, mas reconheceu-se esse direito às populações indígenas (esquimós).

Ficou terminantemente proibida a caça de avião, um "esporte" muito praticado por milionários norte-americanos, bem como qualquer tipo de caça motorizada. Fêmeas e filhotes gozam de proteção absoluta.

LEOPARDO

(Panthera pardus)

Durante muito tempo acreditou-se que o leopardo africano, a pantera asiática e a pantera-negra fossem animais de espécies diferentes. Anos atrás, desfez-se a confusão: trata-se da mesma espécie, apenas o nome leopardo é usado no continente africano, e o de pantera é mais comum na Ásia.
Na pantera-negra, a cor é apenas um "acidente", causado pelo excesso de melanina, um pigmento que provoca essa variação. Nada impede (aliás, é muito comum) que uma pantera-negra tenha pais pintados e que, por sua vez, dê à luz filhotes pintados.

Distribuição geográfica. O leopardo vive numa grande extensão do continente africano e em toda a parte meridional da Ásia, da Turquia à China, no Sri Lanka (antigo Ceilão) e arquipélago de Sonda, na Indonésia (onde são comuns as panteras-negras).

Habitat. A variedade de ambientes onde vivem os leopardos também é grande: floresta tropical e savana (África); bosques frios de montanha, e selva quente e úmida (sul da Ásia); altitudes pedregosas sem vegetação (Irã e Afeganistão).

Medidas de proteção. A diminuição do número de leopardos tem como causa principal a caça desenfreada, motivada pelo alto valor comercial de sua pele. Segundo estudos recentes, as subespécies (variedades) mais atingidas são o leopardo do norte da África (*Panthera p. panthera*), de que restam apenas algumas dezenas; o leopardo da Arábia (*Panthera p. nimr*); o leopardo da Ásia Menor (*Panthera p. tulliana*); o leopardo do norte da Coréia e do leste da Sibéria (*Panthera p. orientalis*); e o leopardo do Sinai (*Panthera p. jarvisi*) — acredita-se que um reduzidíssimo número ainda viva no monte Sinai.
Para salvar as subespécies mais ameaçadas, em alguns países da Europa tenta-se a reprodução. O leopardo é muito comum em zoológicos, e a maior parte das subespécies reproduz-se bem em cativeiro.

CONDOR-DA-CALIFÓRNIA

(Gymnogyps californianus)

O condor-da-califórnia é uma das aves mais raras da América do Norte. Quase extinto, ele foi escolhido como símbolo do Movimento de Proteção à Natureza da Califórnia. É uma ave grande, que atinge quase 3 m de envergadura alar e pode pesar 11 kg. Tem plumagem muito escura, com uma zona triangular branca em cada asa. A cabeça e o pescoço são avermelhados e desprovidos de penas. O bico, muito forte, é cinza-amarelado.

O condor-da-califórnia nidifica em cavernas ou em fendas de rochas abruptas. A fêmea põe apenas um ovo de cada vez e o filhote nasce ao fim de 45 a 50 dias. É criado pelos pais durante cerca de dois anos e, mesmo após ter aprendido a voar, o que requer muito tempo, ainda permanece com eles. Assim, a fêmea, ocupada com a cria, só põe de dois em dois anos, o que em nada contribui para aumentar o número de exemplares da espécie. Além disso, muitos filhotes nem chegam a nascer. O ovo é chocado sobre a rocha nua, entre as patas dos pais; quando estes se assustam, saem voando rapidamente e o ovo acaba se perdendo.

Distribuição geográfica. No passado, o condor-da-califórnia vivia em quase toda a parte ocidental da América do Norte. Hoje, só é encontrado na região sul da Califórnia, entre Monterey e Los Angeles.

Habitat. Cadeias montanhosas da costa ocidental da América do Norte.

Medidas de proteção. As principais causas do declínio do condor-da-califórnia foram a caça, desde a época da corrida do ouro, no século XIX, e as modificações provocadas em seu *habitat*. Os pesticidas são também responsáveis por seu declínio.

Na década de 50, o número de sobreviventes foi estimado entre 50 e 60, e até meados da década de 70 esse número se mantinha.

A espécie é protegida nos EUA, e a principal área de nidificação, perto da floresta de Los Padres, foi declarada reserva. Existe apenas um único condor-da-califórnia em cativeiro, no Zoológico de Los Angeles.

LEÃO-DA-ÁSIA

(Panthera leo persica)

O leão-da-ásia é descendente direto daqueles leões caçados na Pérsia pelos imperadores Dario e Artaxerxes, e que foram representados pelos artistas da Antiguidade em belíssimas estátuas e baixos-relevos. Esse leão também é citado na Bíblia em diversos episódios. Lembremos, por exemplo, aquele em que o profeta Daniel foi lançado a uma cova para ser devorado pelos leões... e os animais não o tocaram!
O leão-da-ásia, porém, desapareceu do território que foi berço das antigas civilizações do Oriente Médio. Os últimos remanescentes estão na Índia, e foi a partir deles que se pôde comparar sua aparência com a do leão africano. A juba é menos densa, e a pelagem menos espessa que a do leão que vive na África. Muitos especialistas reconhecem, porém, que mesmo entre os leões africanos se encontram exemplares com características do leão-da-ásia.

Distribuição geográfica. Até o século XIX, o leão-da-ásia encontrava-se difundido na Ásia Menor, Mesopotâmia, Arábia, Pérsia e Índia. Em Israel, onde era comum nos tempos bíblicos, foi exterminado no século XIII. Atualmente, vive apenas na Índia, a noroeste de Bombaim, numa única reserva na floresta de Gir.

Habitat. Ao contrário do leão africano, que é um animal de savana, a subespécie asiática vive na floresta. Na estação das chuvas, é comum abandonar seu *habitat* para atacar o gado que pasta nos descampados.

Medidas de proteção. No fim do século XIX não havia mais de uma centena de leões na floresta de Gir; viviam sob a proteção do nababo de Junagadh, em cujos domínios se encontrava a maior parte dessa floresta. Em 1900, o leão-da-ásia passou a ser protegido por decreto, e seu número aumentou para 289 (em 1936). Seu *habitat*, entretanto, começou a ser destruído pelos rebanhos e pelo homem: os rebanhos, danificando a vegetação; e o homem, abatendo árvores. A primeira conseqüência foi o desaparecimento gradativo dos herbívoros selvagens de que se alimentava o leão; depois, este começou a atacar o gado; por último, o homem passou a envenenar os leões, para defender os rebanhos. Como resultado, nos anos 60, o número de leões estava reduzido a 177.
Em 1965, o governo da Índia elaborou um projeto que previa a transferência de todo o gado para fora da reserva, e proibiu que se abatessem árvores. Em função dessas medidas, os leões ultrapassaram em 1973 a casa dos 200. Colaborou para isso o aumento da população de cervos, antílopes e javalis, presas habituais dos leões. Mesmo assim, o leão-da-ásia ainda é considerado em perigo de extinção.

TATU-CANASTRA

(*Priodontes giganteus*)

O tatu-canastra é o maior e mais raro dos tatus vivos. Embora robusto (há exemplares que medem 1,5 m com a cauda, e pesam 60 kg), é um bicho de boa paz. Só briga quando é absolutamente inevitável. Seu comportamento mais comum é enfiar-se pela terra e sumir das vistas do inimigo. O tatu não gosta de lutar, mas se for mesmo necessário ele tem uma arma excelente: garras poderosas, capazes de ferir mortalmente seu atacante. A unha do dedo médio é a maior de todas entre os animais. É com ela que o tatu escava os resistentes cupinzeiros à procura de seu alimento predileto. Alcançada a galeria, o tatu caça os cupins com a língua, comprida e viscosa.

O tatu-canastra é um animal de hábitos noturnos. Passa o dia escondido em tocas escavadas entre as raízes de grandes árvores, e raramente se aventura pelas zonas habitadas pelo homem. É perseguido pelos indígenas e pelas populações rurais brasileiras devido aos danos que causa nas roças.

Distribuição geográfica. O tatu-canastra vive nas regiões norte, centro-oeste e sudoeste do Brasil; nas Guianas, Colômbia, Venezuela, nordeste da Argentina e leste do Paraguai; na região amazônica do Peru, está provavelmente extinto.

Habitat. Embora seu território de difusão seja vastíssimo, o tatu-canastra prefere viver no interior da floresta amazônica e de Mato Grosso, longe de zonas povoadas.

Medidas de proteção. O tatu-canastra está se extinguindo em parte devido à intensa caça de que é vítima há dezenas de anos, mas sobretudo pela destruição de florestas e transformação de seu *habitat* em áreas agrícolas e de criação de rebanhos. Ignora-se o número de exemplares que vivem em estado selvagem. Na Argentina, é protegido por uma lei de 1928 que proíbe que ele seja morto ou capturado. No Paraguai, só se pode caçá-lo de março a setembro. Nos demais países, não goza de nenhuma proteção, e a única reserva onde vive é a de Macarena, na Colômbia.

O tatu-canastra sobrevive muito mal em cativeiro. Houve um recorde de sete anos de sobrevivência no Zoológico de Berlim. Segundo o *International Zoo Yearbook*, em 1980 havia apenas 6 tatus-canastra em zoológicos.

GROU-AMERICANO

(Grus americana)

O grou-americano é uma bela ave pernalta de plumagem quase toda branca. Na cabeça, destacam-se manchas vermelhas. As longas pernas e os pés são pretos. Tem quase 1,3 m de altura, e está entre as aves mais raras da América do Norte. Seu canto é tão forte que pode ser ouvido a 5 km de distância. Daí o seu nome americano, *whooping crane* ("grou gritador").
As fêmeas põem dois ovos de cada vez, mas em geral apenas um filhote chega à idade adulta. Espécie onívora, o grou-americano come de tudo, mas tem preferência por crustáceos. Uma espécie próxima do grou-americano é o grou-canadense *(Grus canadensis),* também muito raro, devido à caça e à destruição de seus ovos por ratos e serpentes.

Distribuição geográfica. Até metade do século XIX, os grous-americanos nidificavam no Canadá, nos territórios de Alberta, Saskatchewan e Manitoba até o Grande Lago do Escravo, ao norte. Nos EUA, nos Estados de Illinois, Minnesota, Iowa, Dakota do Norte, Dakota do Sul e, provavelmente, Montana e Nebraska. Passavam o inverno nas costas do golfo do México. Uma pequena população, não migratória, nidificava em Luisiana e talvez no leste do Texas.
Atualmente, a espécie nidifica apenas no Parque Nacional de Wood Buffalo, no sul do Distrito de Mackenzie, no Canadá, e passa o inverno no Refúgio Nacional de Aransas, no Texas.

Habitat. O grou-americano gosta das pequenas ilhas pantanosas dos numerosos lagos de seu território de distribuição.

Medidas de proteção. Em 1870, deviam existir cerca de 1 400 grous-americanos. Desde então, seu número tem diminuído, não só devido à caça intensa, praticada sobretudo durante as migrações, mas também à ocupação de seus territórios pelo homem.
Em 1940, havia apenas 30 grous. Esse número cresceu lentamente até 1970, quando a população de grous-americanos somava 80 indivíduos. Isso se deveu às medidas de proteção adotadas pelo governo do Canadá e dos Estados Unidos. Os grous são contados todos os anos quando chegam ao Texas: registra-se a data e determina-se o número de filhotes. O mesmo é feito na primavera, para calcular o índice de mortalidade no inverno. Por outro lado, desde 1967, 10 dúzias de ovos são retiradas todos os anos dos ninhos do Parque de Wood Buffalo e levados ao Centro de Pesquisas de Patuxent, em Maryland. Os filhotes nascidos em cativeiro têm contribuído para aumentar o número de grous-americanos.

GORILA-DA-MONTANHA

(Gorilla gorilla beringei)

Os gorilas são os maiores representantes entre os primatas. Os machos chegam a ter mais de 2 m de altura e a pesar 270 kg. Devido a sua aparência, imponente e assustadora, surgiram algumas lendas sobre a sua ferocidade. Trata-se de uma imagem injusta: o gorila é tímido e pouco agressivo, e só reage ao ser provocado. Quando está bravo, levanta o corpo, solta gritos, bate no peito e no chão, emitindo um som de tambor. Toda essa encenação destina-se a afastar os intrusos e é bastante eficiente para pôr em fuga até "respeitáveis" predadores como o leão e o leopardo.
Existem três subespécies de gorila: o gorila-da-montanha (*Gorilla gorilla beringei*), o gorila-da-planície-ocidental (*Gorilla gorilla gorilla*), e o gorila-da-planície-oriental (*Gorilla gorilla graneri*). O gorila-da-montanha é o que está mais ameaçado de extinção.

Distribuição geográfica. Atualmente, o gorila-da-montanha habita apenas os picos vulcânicos da região de Virunga e as montanhas de Kahuzi, na África central.

Habitat. Vive em florestas equatoriais situadas a grandes altitudes, e ricas em bambus — os brotos de bambu são o alimento preferido do gorila.

Medidas de proteção. Segundo estimativas, em 1971 havia menos de 1 000 gorilas em liberdade; desse total, 200 a 250 viviam no Parque Nacional Kahuzi-Biega, e cerca de 400 no monte Virunga. Em 1972, a população de gorilas tinha diminuído em Virunga, chegando, em 1974, a 275 exemplares. A ocupação humana de seu *habitat* é a causa principal da extinção: o gado, conduzido pelos nativos para dentro da floresta, reduz suas fontes de alimento. A caça ilegal, por sua vez, tem provocado migrações de grandes herbívoros, sobretudo búfalos e elefantes, para o *habitat* do gorila, onde acaba havendo competição alimentar.
Os parques nacionais que abrigam gorilas são apenas quatro: Virunga e Kahuzi-Biega (no Zaire), Parque dos Vulcões (Ruanda) e Gorilla Game Reserve (Uganda). Nos parques do Zaire, as condições são satisfatórias; nos demais, precárias. Deviam ser tomadas medidas mais enérgicas para controlar a caça e o comércio ilegal dos animais. Já existe, entretanto, um acordo protecionista, firmado por uma entidade que congrega diretores de jardins zoológicos de todo o mundo, que proíbe a compra de gorilas-da-montanha provenientes da atual população africana. Por outro lado, é possível aumentar o número de gorilas com a reprodução em cativeiro. Em 1975, por exemplo, nasceram 130 filhotes nessas condições, dos quais 105 sobreviveram.

URSO-DE-ÓCULOS

(Tremarctos ornatus)

O urso-de-óculos é o único remanescente de uma subfamília de ursos que eram abundantes na América do Sul na era glacial. Tratando-se de um urso, seu tamanho não impressiona muito: 1,80 m de altura quando está apoiado nas patas traseiras, e, em média, 70 kg de peso. Sua principal característica são as manchas brancas ou amareladas ao redor dos olhos. Essas manchas formam desenhos que variam de indivíduo para indivíduo e que, por vezes, lembram um par de óculos.

Foi no cativeiro que se pôde observar melhor o urso-de-óculos. Descobriu-se, por exemplo, que os filhotes nascem após uma gestação de oito meses, em número de um a três. A primeira reprodução em cativeiro aconteceu em 1947, num zoológico de Buenos Aires, Argentina.

Distribuição geográfica. Venezuela ocidental, Colômbia, Equador, Peru e norte da Bolívia.

Habitat. O urso-de-óculos vive em altitudes de 500 m a 3 500 m, nas vertentes oriental e ocidental da cordilheira dos Andes, numa grande variedade de ambientes: regiões moderadamente áridas, florestas tropicais quentes e úmidas, zonas de arbustos rasteiros e espaços abertos desprovidos de árvores.

Medidas de proteção. Nunca foi feito nenhum levantamento que indicasse o número exato de ursos-de-óculos em estado selvagem. Uma vaga estimativa calculou que, em 1968, deviam viver no Peru de 800 a 2 000 ursos. Nessa época, já eram muito raros na Venezuela (como, aliás, se acredita que eles sempre foram). Em anos mais recentes, seu número também parece ter diminuído na Colômbia e no próprio Peru. Na Bolívia e no Equador, o número de exemplares ainda era considerado satisfatório.

Na verdade, a espécie está sendo progressivamente dizimada, e talvez a causa principal seja a sistemática destruição de seu ambiente. Além disso, pesam outros fatores, entre os quais a caça, praticada com vários objetivos: por esporte; por causa da carne, que alimenta os trabalhadores das ferrovias; ou devido à pele, muito procurada.

No sentido de proteger a espécie, a caça foi proibida no Peru e na Colômbia, embora o controle do cumprimento da lei seja muito difícil nas regiões inóspitas. A espécie está preservada nos parques nacionais de Manú e de Cutervo, no Peru; na Reserva de Sierra de la Macarena, nos parques de Farallones de Cali e Peracé, na Colômbia; e no Parque de la Sierra Nevada de Mérida, na Venezuela.

Em meados de 1970, havia cerca de 90 ursos-de-óculos em vários zoológicos do mundo.

ARIRANHA

(Pteronura brasiliensis)

A ariranha é um parente próximo da lontra, porém bem maior: pode atingir 2,20 m de comprimento. Como a lontra, tem hábitos gregários e vive ao longo das margens dos rios. Alimenta-se sobretudo de peixes, que pesca durante o dia, mas também não despreza pequenos mamíferos e pássaros aquáticos — e seus ovos e filhotes. Seu tamanho e principalmente a forte dentadura não a fazem recuar mesmo diante de animais maiores que ela, e há casos de ataques a seres humanos que invadiram o seu território.

Distribuição geográfica. Atualmente a ariranha é encontrada nos rios da região centro-leste da Amazônia, no Brasil, da Venezuela, Guiana, Paraguai e Uruguai. Existem também alguns exemplares no Peru, Equador e Colômbia.

Habitat. Regiões úmidas, rios, lagos, pântanos e, particularmente, as águas "negras" da bacia amazônica.

Medidas de proteção. A espécie é protegida no Brasil, Peru, Equador e Colômbia. Mas, dado o isolamento dos territórios que habita, é difícil pôr em prática medidas de vigilância; assim, a ariranha continua sendo vítima dos caçadores de peles. Existem poucos exemplares em cativeiro, e a maior parte deles em zoológicos sul-americanos; nos zoológicos brasileiros há 16 exemplares.

FURÃO-DOS-PÉS-PRETOS

(Mustela nigripes)

O furão-dos-pés-pretos é considerado um dos mamíferos mais raros dos Estados Unidos. Mede cerca de 65 cm e tem pelagem bege-amarelada, menos nas regiões da cabeça, garganta e barriga, que são mais claras. Uma máscara de pêlos negros cobre o focinho de um olho ao outro. A extremidade da cauda e as patas também são negras ou marrons.
A existência do furão-dos-pés-pretos está estreitamente ligada à do cão-da-pradaria, sua presa principal e que também está em declínio.

Distribuição geográfica. No passado, o furão vivia nas grandes planícies da América do Norte. Hoje há apenas um pequeno número de furões no noroeste dos EUA, em Dakota do Sul e Montana; e em Alberta, no Canadá; talvez existam alguns exemplares no Texas e centro do Novo México.

Habitat. Grandes pradarias com vegetação herbácea.

Medidas de proteção. O furão-dos-pés-pretos é protegido em Dakota do Sul, tendo sido introduzido em regiões onde vivem colônias de cães-da-pradaria. Além disso, uma lei norte-americana estabelece que se um furão for capturado deve ser encaminhado a uma reserva ou parque.

GANSO-GALINHA

(Cereopsis novaehollandiae)

O ganso-galinha é também conhecido como ganso-porco ou ganso-de-capuz. Sua característica principal é o bico, curto, grosso e de um belo colorido. Alimenta-se sobretudo de plantas e brotos macios, e quando está à procura de comida emite um grito semelhante a um grunhido, o que lhe valeu um de seus nomes populares: ganso-porco.

Distribuição geográfica. Sul da Austrália, Tasmânia e algumas ilhas do estreito de Bass.

Habitat. O ganso-galinha vive em campos próximos de regiões úmidas ou com extensões de água, onde encontra seu alimento.

Medidas de proteção. Em 1957 estimava-se em 6 000 o número total de gansos-galinha. Em 1963 havia apenas 2 000 exemplares no arquipélago de Furneaux — um dos lugares mais importantes para a espécie. A diminuição do número dessas aves deve-se à caça intensiva (sua carne, ao contrário da do cisne-trombeteiro, é bastante saborosa). Mesmo nas ilhas que foram declaradas reservas, algumas há mais de sessenta anos, é difícil impedir a caça ilegal, feita principalmente por pescadores.
Felizmente, o ganso-galinha é comum em zoológicos e criações particulares, e reproduz-se bem em cativeiro. Em 1975, havia cerca de 400 exemplares numa centena de zoológicos.

CISNE-TROMBETEIRO

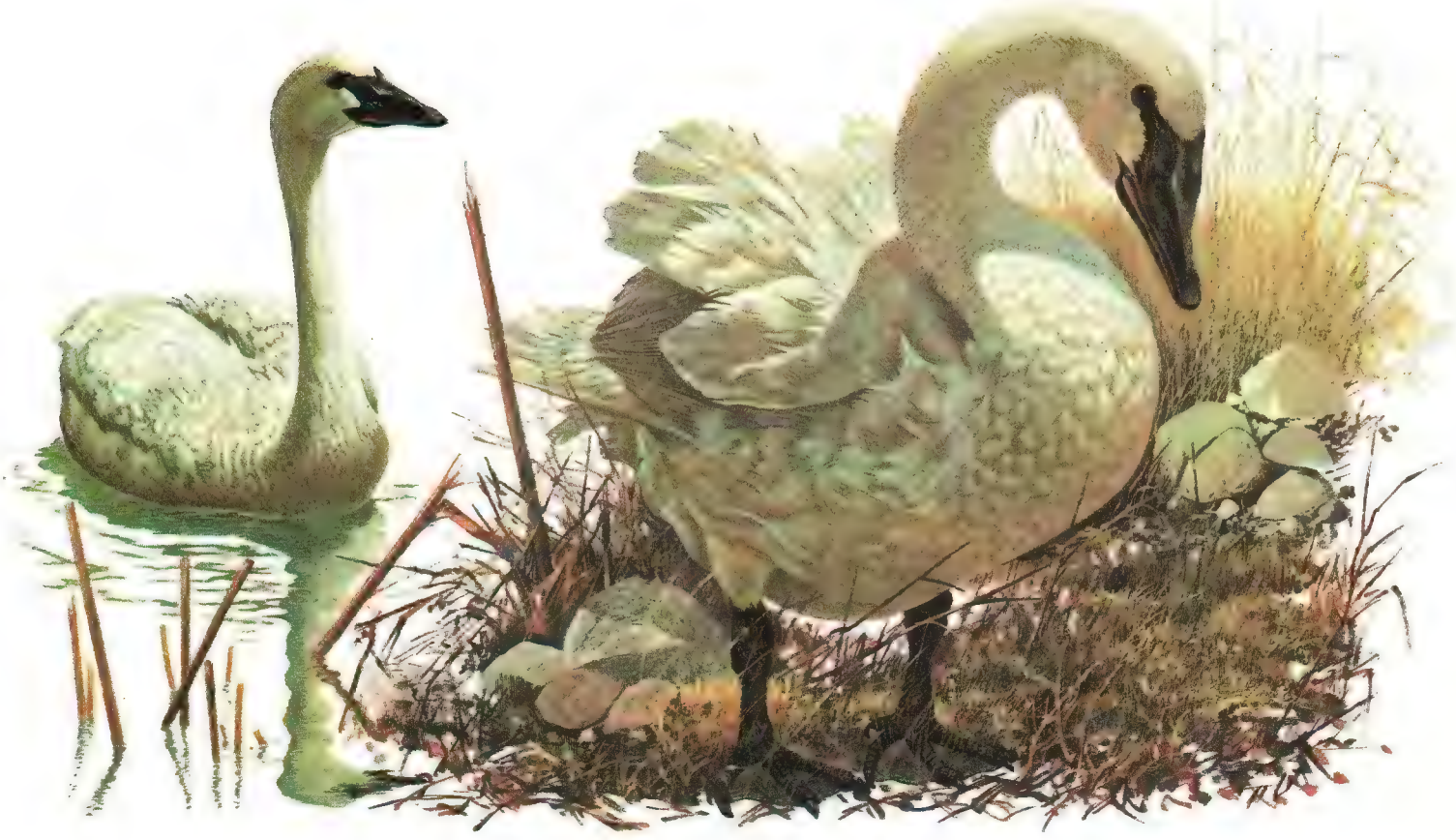
(Cygnus cygnus buccinator)

O cisne-trombeteiro é uma ave grande. Atinge 1,60 m de comprimento e, de asas abertas, sua envergadura é de 3 m. Chega à maturidade sexual aos 3 anos. Nessa idade, forma casais — que permanecem unidos a vida inteira. A fêmea põe de quatro a cinco ovos, mas a mortalidade entre os jovens é muito elevada, devido a doenças parasitárias, ao fato de serem perseguidos pelos adultos e, estranhamente, também ao alto índice de afogamento.

Distribuição geográfica. No passado, o cisne-trombeteiro distribuía-se por toda a América do Norte. Atualmente, está reduzido ao Alasca e a algumas regiões do Canadá e dos Estados Unidos.

Habitat. Lagos, paludes e cursos de água.

Medidas de proteção. O cisne-trombeteiro encontra-se em rápido declínio desde 1930. Em 1976, estimava-se em apenas 2 500 o número de indivíduos em toda a sua área de distribuição. Esse declínio tem como principais fatores a caça intensiva, para aproveitamento da carne (embora não seja saborosa) e das penas.
Os Estados Unidos e o Canadá proibiram a caça e o comércio do cisne-trombeteiro, e, desde 1935, criaram-se refúgios para a espécie, entre os quais o Red Rock Lake, no Parque Nacional de Yellowstone.



URSO-PARDO-DOS-PIRENEUS

(Ursus arctos arctos)

O urso-pardo-dos-pireneus é o menor dos ursos-pardos. Atinge no máximo 2 m de comprimento e 250 kg de peso. A pelagem varia do amarelo-claro ao marrom-escuro, com reflexos avermelhados, cinza ou beges. Seu regime alimentar, semelhante ao de outros ursos, inclui frutos, bagos, raízes, mamíferos selvagens ou domésticos (sobretudo carneiros), pássaros, ovos e, às vezes, até peixes e invertebrados. Esse regime varia com as estações do ano, ou com a fome do animal.

Distribuição geográfica. Cadeia dos Pireneus, particularmente o setor central.

Habitat. O ambiente preferido do urso-pardo-dos-pireneus são as florestas de árvores frondosas (faias, carvalhos, pinheiros-silvestres, bétulas) com subestrato de teixos, heras e madressilvas. Vive em altitudes entre 1 400 e 1 500 m, embora também possa subir a 2 700 m, à procura das pastagens nos picos. Nas horas quentes do dia, gosta de ficar à sombra, e nas proximidades de água. Nem sempre, porém, ele vive no lugar que escolheu, pois, freqüentemente, é obrigado a fugir do homem, abrigando-se em lugares muito acidentados, de difícil acesso.

Medidas de proteção. No passado, os ursos-pardos eram encontrados em toda a Europa ocidental. Contudo, o desaparecimento das florestas e a caça impiedosa levaram a uma progressiva extinção da espécie em quase todo o continente. No século XI, já não existiam na Inglaterra e, no início do século XIX, morria o último exemplar alemão. Também ao longo do século XIX se extinguiram definitivamente nos Alpes franceses e na Suíça; em toda a cadeia alpina, existe apenas uma população reduzida na região de Trento, na Itália.

O urso-pardo-dos-pireneus, cuja população se distribuía entre a França e a Espanha, está praticamente restrito ao Parque Nacional dos Pireneus Ocidentais, criado em 1964. Nesse parque, na parte francesa, havia em 1970 apenas 30 indivíduos.

Embora protegido por lei, o urso-pardo-dos-pireneus tem sido empurrado, pelo progresso e pelo turismo, para algumas florestas isoladas que infelizmente não se localizam no perímetro do parque, e onde não há alimento suficiente; isso leva esses ursos desgarrados a atacar o gado. Mesmo que os fazendeiros sejam indenizados pelos prejuízos, alguns preferem resolver o problema com o fuzil. Os estudiosos acreditam que somente uma melhor organização do ambiente permitirá a sobrevivência do urso-pardo-dos-pireneus.

LOBO

(Canis lupus)

O lobo é um grande canídeo. Pode atingir 85 cm de altura, e 1,70 m de comprimento, incluindo a cauda, com cerca de 45 cm. O peso chega a 80 kg. O parente doméstico mais próximo do lobo é o pastor-alemão.
O lobo vive em bandos numerosos e muito organizados — as alcatéias. Segundo alguns estudiosos, sua organização social lembra a do homem, e é uma das mais evoluídas no mundo animal. Isso se deve, sem dúvida, ao tipo de alimentação desse carnívoro. Ele ataca animais de médio e grande porte, e para que uma caçada tenha sucesso é necessário um ataque coletivo, um bom entendimento entre os membros do grupo e divisão de tarefas ou obrigações.
A hierarquia do bando é respeitada até na época do acasalamento. É muito difícil um macho de nível inferior conseguir cruzar com uma fêmea de nível superior; em geral, o lobo acasala com um parceiro de seu "nível social".

Distribuição geográfica. O lobo está extinto em vários países da Europa: Grã-Bretanha, Países Baixos, França, Alemanha, Suíça, Áustria e Hungria. Mas ainda é relativamente abundante no Canadá, Alasca, e em grande parte da Ásia.

Habitat. Vive em ambientes muito diferentes, tanto ao nível do mar como a altitudes de 3 000 m. Pode ser encontrado na tundra, nos cerrados, nas florestas de coníferas, em descampados pobres de vegetação e até mesmo, como ocorre hoje em dia na Itália, próximo aos grandes centros, em regiões cultivadas.

Medidas de proteção. Algumas subespécies foram tão atingidas que delas resta um número muito reduzido de exemplares. É o caso do *Canis lupus irremotus,* que habita uma pequena parte de sua área de origem na América do Norte, e conta com algumas dezenas de indivíduos; ou do *Canis lupus rufus,* também norte-americano, com cerca de 200 indivíduos. Na Itália, uma centena de lobos da subespécie *Canis lupus italicus* vive dispersa nos Apeninos.
As causas da extinção do lobo são a caça e a destruição de seu *habitat.* Em diversos países, como na Itália, ele está atualmente protegido em algumas zonas transformadas em parques nacionais.

PAPA-MOSCAS-DO-PARAÍSO-DAS-SEYCHELLES

(Terpsiphone corvina)

O gênero *Terpsiphone* compreende várias espécies de papa-moscas, de cores vivas e cauda extremamente longa. Um dos mais bonitos, e também dos mais raros, é o papa-moscas-do-paraíso-das-seychelles. O macho tem plumagem negra com reflexos azulados. Mede cerca de 45 cm de comprimento, dos quais 30 cm correspondem às duas plumas centrais da cauda. Na fêmea, apenas a cabeça é preta; o dorso e as asas são marrons e as partes inferiores, branco-amareladas.
O papa-moscas-do-paraíso-das-seychelles alimenta-se de insetos que caça entre as folhagens e os arbustos. Seu ninho assemelha-se a uma taça estreita, porém profunda, onde a fêmea põe de dois a três ovos. O período de incubação é de cerca de doze dias.

Distribuição geográfica. Originalmente, este pássaro era encontrado em quase todas as ilhas do arquipélago das Seychelles. Até 1906, ainda vivia na ilha Curiosa; em 1936, podia ser visto nas ilhas de Praslin e Felicidade. Atualmente, está restrito à ilha da Represa.

Habitat. Platô arborizado da ilha.

Medidas de proteção. Acredita-se que as principais causas do declínio do papa-moscas-do-paraíso-das-seychelles tenham sido a proliferação, nas ilhas, de ratos e gatos — que pilham seus ninhos — e o desflorestamento.
Ignoram-se, porém, que medidas têm sido adotadas para salvar a espécie.

PICA-PAU-DE-BICO-BRANCO

(Campephilus principalis)

Este belo pica-pau é um dos pássaros mais conhecidos nos Estados Unidos. Mede cerca de 50 cm de comprimento; sua plumagem é negro brilhante, com duas faixas brancas ao longo do pescoço e do dorso; as asas são preto e branco. O bico, forte, tem forma de tesoura. O macho (na ilustração) tem a cabeça ornamentada por uma crista de plumas vermelhas. Na fêmea, essa crista é preta e ligeiramente recurvada.

Distribuição geográfica. No passado, o pica-pau-de-bico-branco ocorria em toda a região sul e leste dos Estados Unidos. No início da década de 70, já era encontrado apenas em algumas zonas do sul.

Habitat. Regiões mais impenetráveis de florestas densas e zonas pantanosas onde existam árvores velhas e troncos mortos.

Medidas de proteção. O pica-pau-de-bico-branco sempre foi muito raro, e, devido ao caráter impenetrável de seu *habitat*, era conhecido somente pelos índios, caçadores furtivos e alguns naturalistas. Hoje está à beira da extinção, sobretudo devido à destruição de seu *habitat*. A espécie é protegida por lei, mas não se conhece o número de exemplares sobreviventes.

FILANDRA-DE-RABO-ESCAMADO

(Wyulda squamicaudata)

Tem o tamanho aproximado de um esquilo. A cauda apresenta uma pelagem espessa apenas na base; o resto parece ser coberto por escamas.

Distribuição geográfica. Embora a captura desse animal seja rara, foram encontrados exemplares ao norte do Grande Deserto de Areia australiano.

Habitat. São poucas e fragmentadas as informações sobre os hábitos da filandra-de-rabo-escamado, bem como sobre os lugares onde vive. Parece que passa a maior parte do dia em locais arenosos, entre rochedos; à noite, sai em busca de alimento.

Medidas de proteção. A primeira filandra-de-rabo-escamado foi capturada em 1917. Passaram-se 25 anos até que se falasse novamente nessa espécie. O segundo exemplar foi descoberto a 400 km de Derby, por um missionário que foi informado pelos nativos de que havia bastantes exemplares nessa região da Austrália. Em 1965 descobriu-se, afinal, que a filandra era bem menos rara do que se imaginava, e que sua presumível raridade se devia certamente ao fato de o animal preferir regiões pouco freqüentadas pelo homem. Mesmo assim, é uma espécie protegida.

VOMBATE-DO-NARIZ-PELUDO

(Lasiorhinus barnardi)

O vombate é um animal pacífico e medroso. Quando ameaçado, foge e, se precisar defender-se, apenas esperneia furiosamente. Existem várias espécies de vombate, algumas ameaçadas de extinção. É o caso das espécies de nariz peludo: *Lasiorhinus latifrons* e *Lasiorhinus barnardi* (na ilustração).

Distribuição geográfica. O *L. latifrons* está confinado a uma faixa costeira da Austrália Meridional. A espécie de Barnard vive em duas pequenas regiões no centro-leste de Queensland.

Habitat. Zonas arenosas, com pouco mais de 15 km^2.

Medidas de proteção. Desde 1925, a espécie de Barnard é rigorosamente protegida por um decreto do governo australiano. Uma grande parte de seu *habitat* está, desde 1971, incorporada a um parque nacional. Alguns estudos vêm também sendo desenvolvidos no sentido de melhor conhecer a espécie e estimar o número de seus indivíduos.

LEÃO-DO-ATLAS

(Panthera leo leo)

No passado, o leão habitava quase todo o continente africano, e era encontrado também na Ásia — da península Arábica à Índia. Hoje, vive somente na África, com exceção de uma subespécie, o leão-da-ásia (*Panthera leo persica*), que habita a floresta indiana de Gir.
O leão-do-atlas não é encontrado em seu ambiente natural desde 1920. Há apenas leões nascidos no Zoológico de Rabat que conservam inalteradas as características do leão-do-atlas em estado selvagem.
Esse zoológico enviou, em 1976, um leão e duas leoas ao Zoológico de Washington. Com a ajuda da UICN (União Internacional para a Conservação da Natureza) está se tentando recriar o leão-do-atlas — através de cruzamentos seletivos de animais em cativeiro.

Distribuição geográfica. Até o fim do século XIX, o leão-do-atlas ocorria no Marrocos, Argélia, Tunísia e Líbia.

Habitat. Vivia sobretudo nas regiões costeiras, de vegetação mais abundante, mas seu *habitat* estendia-se às encostas dos montes Atlas. Seu desaparecimento em estado selvagem deve-se ao fato de ter sido muito caçado pelos povos do norte da África e, depois, pelos europeus.

PANTERA-NEBULOSA

(*Neofelis nebulosa*)

A pantera-nebulosa é menor que um leopardo. Tem 2 m de comprimento, dos quais quase a metade corresponde à cauda. Arborícola por excelência, sobe agilmente até o topo de uma árvore, e desce de cabeça para baixo. Também se desloca entre os galhos com facilidade. Caça sobretudo ao nascer do sol e no fim da tarde. Suas presas são esquilos, macacos, aves e pequenos mamíferos terrestres.

Distribuição geográfica. Índia, Indochina, Formosa, Bornéu e Sumatra.

Habitat. Devido aos seus hábitos arborícolas, a pantera-nebulosa vive em florestas de árvores com folhas perenes, entre o nível do mar e 2 000 m de altitude.

Medidas de proteção. A caça impiedosa (devido ao valor comercial de sua pele) e a destruição de seu *habitat* (para dar lugar a campos de cultivo) quase levaram a pantera-nebulosa à extinção.
Atualmente, é protegida por leis que regulam sua caça, e algumas populações vivem em parques e reservas. Em 1975 havia 115 panteras-nebulosas em 55 zoológicos do mundo; cerca de 30 tinham nascido em cativeiro. A Grã-Bretanha e os Estados Unidos proibiram sua importação.

TARTARUGA-GIGANTE-DAS-GALÁPAGOS

(Geochelone [Chelonoidis] elephantopus)

A tartaruga-gigante-das-galápagos chega a medir 1,2 m de comprimento e a pesar 300 kg. Seu comportamento foi descrito pela primeira vez por Charles Darwin em seu livro *Viagem de um Naturalista ao Redor do Mundo.*
Como nas planícies onde vive a água é escassa, periodicamente a tartaruga-gigante faz longos percursos para atingir os altos platôs vulcânicos. Ali a água e a vegetação são abundantes. Assim, ela pode beber, banhar-se e alimentar-se. Nessas idas e voltas, percorre sempre o mesmo caminho, de modo que, após séculos de viagem, gerações e gerações transformaram as trilhas em verdadeiras "estradas".
A tartaruga-gigante-das-galápagos compreende diversas subespécies, algumas das quais já extintas.

Distribuição geográfica. A ilha de Albemarle abriga cinco das subespécies atualmente vivas; as ilhas de James, Indefatigable, Duncan, Hood, Chatham e Abingdon abrigam, cada qual, uma das outras seis subespécies sobreviventes.

Habitat. A tartaruga-gigante-das-galápagos vive entre as terras áridas e sem vegetação das planícies e os altos platôs de água e vegetação abundantes.

Medidas de proteção. Várias são as causas do declínio da espécie, algumas delas bem antigas. As Galápagos ficavam na rota de corsários e mercadores de séculos passados, quando as viagens eram muito longas e a tripulação passava meses sem comer carne fresca; como as tartarugas podiam ser guardadas vivas nos navios, sem necessidade de serem alimentadas, representavam importante reserva de carne fresca, saborosa e nutritiva. Também a colonização e a introdução nas ilhas de animais domésticos, sobretudo cabras e porcos, contribuíram para o declínio da espécie.
A tartaruga-gigante-das-galápagos é protegida desde 1934, ano em que o governo do Equador declarou as ilhas Galápagos reservas ou parques nacionais. Em 1958, foi criada a Charles Darwin Station, financiada pela WWF, que se ocupa da proteção e reconstituição das populações de tartarugas. Em 1975, havia 322 exemplares em cativeiro, mas não se tinha registrado ainda nenhuma reprodução. Mais tarde, porém, o Zoológico de Honolulu (Havaí) conseguiu que os ovos eclodissem regularmente, e, desde então, o número de filhotes elevou-se. Esse sucesso levou o Zoológico do Bronx (Nova York) a enviar suas tartarugas-gigantes para Honolulu, a fim de aumentar o número de reprodutores, contribuindo assim para salvar a espécie.

BALEIA-BOREAL

(Balaena glacialis)

A baleia-boreal (ou baleia-glacial) tem como principal característica uma excrescência córnea, em geral recoberta por pequenos crustáceos, sobre o maxilar superior. Na pele, apresenta regiões brancas, devidas a parasitos. Pode atingir 16 m de comprimento e pesar cerca de 20 toneladas. A cabeça ocupa um quarto do comprimento total.

Distribuição geográfica. É encontrada no Atlântico e no Pacífico norte (até Taiwan, no inverno); no hemisfério sul vive entre 30° e 50° de latitude sul.

Habitat. Águas temperadas.

Medidas de proteção. A baleia-boreal foi intensamente caçada nos séculos XVIII e XIX, sobretudo porque vivia em águas temperadas e, portanto, mais freqüentadas por embarcações. É protegida desde 1935, e está atualmente em recuperação, tanto na parte ocidental do Atlântico norte quanto no hemisfério sul. Seu número é estimado em alguns milhares de indivíduos.

Outra espécie semelhante, e igualmente rara, é a baleia-branca *(Balaena mysticetus).* É maior que a baleia-boreal: 20 m de comprimento e 70 toneladas de peso; a cabeça ocupa um terço do corpo. Está praticamente limitada ao oceano glacial Ártico. Recentemente foi localizada no mar do Japão, onde se acreditava que estivesse extinta. Também é protegida desde 1935 por leis internacionais; algumas raras capturas são permitidas anualmente aos esquimós. Parece que está se recuperando no setor do Pacífico e até provavelmente na região atlântica.

A Comissão Baleeira Internacional (International Whaling Commission), órgão com poderes de fixar a cada ano as cotas de captura para cada espécie de baleia, criou, em 1972, um projeto de controle internacional para garantir que as frotas baleeiras e as estações de captura, com base em terra, respeitem estritamente a proibição de caçar baleias-boreais ou baleias-brancas.

Quase todas as nações baleeiras fazem parte da International Whaling Commission.

LÊMUR-PRETO

(Lemur macaco macaco)

O lêmur-preto é um pequeno primata: tem, no máximo, 92 cm de comprimento, dos quais 50 cm correspondem à cauda. Machos e fêmeas diferem na cor: na verdade, pretos são apenas os machos; as fêmeas têm pelagem marrom-avermelhada.
O lêmur-preto vive em grupos com cerca de dez indivíduos, na maioria compostos de machos, liderados por uma fêmea adulta. Cada bando tem um território próprio, demarcado com uma secreção de glândulas situadas no antebraço.
Ao contrário de outros lêmures, que dormem sentados, o lêmur-preto, em geral, deita-se de bruços sobre um galho largo e deixa os membros pendurados.

Distribuição geográfica. Originariamente, o lêmur-preto vivia numa vasta região da ilha de Madagascar — da baía de Bambetoka, na costa noroeste, até o sul. Atualmente é encontrado numa área bem menor: ilha de Nossi-Bé e território de Sambirona, ao sul da baía de Ampasindava (costa noroeste).

Habitat. O lêmur-preto gosta de bosques úmidos. A região de Sambirona, onde a espécie está praticamente confinada, oferece essas condições, embora seja uma zona agrícola e habitada pelo homem. O animal, entretanto, acostumou-se à presença do homem, e as plantações acabaram representando para ele uma excelente fonte alimentar. Isso tem irritado os agricultores, e até mesmo os indígenas, que durante séculos não ousaram atacar esse animal considerado sagrado. Atualmente, porém, essa crença não existe mais e tanto brancos como indígenas usam de todos os meios para matar os lêmures.

Medidas de proteção. A lei protege o lêmur-preto, mas sua aplicação não é respeitada nas regiões mais isoladas. Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha proibiram a importação da espécie, exceto quando ela é feita com fins bem definidos — como pesquisa ou repovoamento.
Para que a espécie sobreviva, é necessário reforçar as leis de proteção e aumentar a única reserva onde o animal se encontra: a de Lokobé, uma área de 1 160 hectares, na qual a vegetação florestal está intacta.
Em 1975 havia 49 machos e 45 fêmeas em catorze zoológicos do mundo. Em condições favoráveis, a espécie reproduz-se bem. Seria, portanto, interessante tentar uma criação a fim de permitir o repovoamento e, também, o fornecimento aos zoológicos, sem que fosse necessário retirar indivíduos das regiões de origem.

TIGRE
(*Panthera tigris*)

O tigre é um caçador feroz e solitário. E a solidão é justamente uma das causas de sua extinção. Quando um animal vive em bandos, como o leão, torna-se uma presa mais difícil para qualquer predador, até mesmo para o homem. Sozinho, o animal fica mais exposto e indefeso. A vida em sociedade facilita também o processo de coleta de alimentos. Ainda, quando uma espécie tem uma cria numerosa, sua conservação não é seriamente comprometida. Mas não é esse o caso do tigre: as crias são, no máximo, de quatro filhotes, dos quais, em média, apenas dois chegam à idade adulta. Além disso, a espécie só se reproduz de três em três anos. Somam-se a todos esses fatores a beleza de sua pele e seu alto valor comercial. Tudo isso explica o rápido declínio do tigre.

Distribuição geográfica. O tigre habita a Sibéria e o leste do continente asiático, a península Indiana e as ilhas de Bornéu e Sumatra, na Indonésia.

Habitat. Devido à grande distribuição geográfica, o *habitat* do tigre é muito variado, incluindo zonas florestadas, canaviais, estepes, tundras e montanhas de até 2 400 m de altitude. De modo geral, ele prefere ambientes úmidos, frescos e com água abundante, pois gosta muito de se refrescar.

Medidas de proteção. Em 1930 havia, só na península Indiana, 40 000 tigres. Hoje existem apenas 5 000 exemplares em toda a área de difusão da espécie. A situação de algumas subespécies é particularmente delicada: do tigre-de-bengala (*Panthera tigris tigris*), numerosíssimo até quarenta anos atrás, restam 1 850 exemplares; do tigre-do-cáspio (*Panthera t. virgata*), existem entre 50 e 80 exemplares; do tigre-de-java (*Panthera t. sondaica*), somente 12; e o tigre-de-bali (*Panthera t. balica*) está provavelmente extinto.
Diversos países da Ásia proibiram a exportação de exemplares vivos e peles, mas as leis não são respeitadas, e o contrabando é intenso. Para socorrer a espécie, alguns governos lançaram campanhas de arrecadação de fundos para operações de proteção, em cooperação com a World Wildlife Fund (WWF) — a chamada "Operação Tigre". Parques e reservas têm sido criados, e empreendem-se esforços para a reprodução do animal em cativeiro; o grande problema é que a mortalidade entre os filhotes de tigre é muito elevada.

FAISÃO-TIBETANO-ORELHUDO

(Crossoptilon crossoptilon)

Há três subespécies de faisão-tibetano-orelhudo: *Crossoptilon c. crossoptilon, C. c. harmani* e *C. c. drouynii.* Todas elas são raras e têm hábitos muito semelhantes.
Gregários, os faisões-tibetanos-orelhudos deslocam-se em grandes grupos, à procura de alimento: tubérculos, raízes, bulbos, insetos e vermes. Na primavera, os grupos dispersam-se. Nessa época, os machos escolhem seu território e formam-se os casais. O acasalamento é freqüentemente precedido por uma dança nupcial: o macho corteja a fêmea seguindo-a e dando voltas ao seu redor com uma das asas abaixada.

Distribuição geográfica. A subespécie aqui ilustrada, *Crossoptilon c. crossoptilon,* vive nas cadeias montanhosas do Ts'inghai meridional, do Seu-tchuan ocidental e central e do Yunnan do nordeste.

Habitat. Florestas de montanha, sobretudo as situadas a grandes altitudes.

Medidas de proteção. Não há dados sobre o número de faisões-tibetanos-orelhudos em seu ambiente natural. Tem-se tentado reproduzi-los em cativeiro, com o objetivo de futuramente repovoar os seus locais de origem. Em 1975, havia 115 exemplares em catorze zoológicos do mundo.

FAISÃO-PAVÃO-DE-PALAWAN

(Polyplectron emphanum)

O faisão-pavão-de-palawan é, segundo alguns estudiosos, a mais bela ave de seu gênero. O macho (aqui ilustrado) distingue-se da fêmea pela bonita cor da plumagem e pelo tufo de penas — que se eriça — na cabeça. A plumagem da fêmea é uniformemente marrom, e o tufo de penas da cabeça não fica erguido.

Distribuição geográfica. Atualmente a espécie é encontrada apenas em áreas restritas da ilha de Palawan, no arquipélago das Filipinas.

Habitat. Florestas densas, de sub-bosque abundante.

Medidas de proteção. Ignora-se o número de exemplares em liberdade. Sabe-se apenas que tem diminuído bastante nas últimas décadas. Entre as causas do declínio da espécie estão a destruição de florestas e a caça intensiva. E, ao que parece, o governo das Filipinas não adotou nenhuma medida para preservá-la.
O faisão-pavão-de-palawan reproduz-se facilmente em cativeiro, mas a natalidade, baixa, não assegura um aumento suficiente de indivíduos para colocar a espécie fora de perigo.
Em 1975, havia 110 faisões-pavões-de-palawan em 23 zoológicos asiáticos, europeus e norte-americanos.

CERVO-DA-CÓRSEGA

(Cervus elaphus corsicanus)

A espécie *Cervus elaphus* compreende 23 subespécies, das quais seis correm perigo de extinção. O cervo-da-córsega é, entre elas, talvez a mais ameaçada.
É um cervo pequeno. Tem 1 m de altura (no garrote) e seus chifres raramente ultrapassam 75 cm de comprimento. Sua pelagem, marrom no verão e quase preta no inverno, é mais escura que a dos outros cervos pequenos.
Machos e fêmeas vivem em bandos separados, e só se juntam na época do acasalamento (meados de julho), que coincide com o fim do crescimento dos chifres. Começam então as lutas entre os machos, cada um tentando conquistar o maior número possível de fêmeas.
Até outubro, o macho vive com o seu harém. Depois, desinteressa-se e junta-se novamente aos outros machos.

Distribuição geográfica. No passado, o cervo-da-córsega era encontrado tanto na Córsega como na Sardenha. Atualmente, sobrevive apenas na Sardenha, na região de Cagliari.

Habitat. Maqui mediterrâneo, prados e florestas de coníferas.

Medidas de proteção. O cervo-da-córsega foi dizimado por uma caça descontrolada, principalmente durante a Segunda Guerra Mundial. Ironicamente, é protegido na Córsega, onde já não existe. Também é protegido na Sardenha (onde vivem os remanescentes), embora ainda se registrem casos isolados de caça clandestina. Em conseqüência, a subespécie é considerada pelos organismos internacionais de proteção à vida selvagem como seriamente ameaçada.
Os últimos cervos foram avistados na Córsega em 1965. Cinco anos depois não havia sinal de nenhum cervo na ilha. Na Sardenha, duas pesquisas realizadas pela WWF (Fundo Mundial para a Vida Selvagem) italiana, de 1968 a 1972, revelaram que ali ainda existiam de 100 a 150 exemplares. A WWF recomendou reforço de vigilância a fim de impedir a ação de caçadores furtivos, e pediu a ampliação da área de proteção.
Situação semelhante à do cervo-da-córsega é a do cervo-do-atlas ou cervo-berbere *(Cervus elaphus berberus)*, da Argélia e da Tunísia, também seriamente ameaçado.
Uma das grandes dificuldades em garantir a sobrevivência dessas duas subespécies é que não existem exemplares nos zoológicos que tornem possível a reprodução. Em 1976, não havia um único cervo-da-córsega em cativeiro. E apenas um casal de cervos-berberes vivia no Zoológico de Túnis.

SIFAKA

(Propithecus verreauxi)

O sifaka é um primo distante do macaco, de cara preta e pelagem clara. Animal arborícola, desloca-se de galho em galho com a maior desenvoltura, e raramente desce ao chão. Vive em grupos de dois a treze indivíduos.

Distribuição geográfica. O sifaka habita a parte ocidental da ilha de Madagascar.

Habitat. Florestas de folhas caducas ou perenes, de essências vegetais mistas, e florestas em galerias.

Medidas de proteção. Não se sabe quantos sifakas vivem hoje em Madagascar. O certo é que seu número tem diminuído muito, devido à caça e à destruição de seu *habitat*.
A espécie é oficialmente protegida, mas as leis nem sempre são cumpridas. As reservas de Andohahela, Ankarafantsika e Namoroka abrigam alguns exemplares, assegurando-lhes uma proteção mais ou menos eficiente. Mas a espécie não se reproduz bem em cativeiro, e seria necessário criar um parque nacional e outras reservas a fim de garantir a sobrevivência do sifaka.

CHIMPANZÉ-ANÃO

(Pan paniscus)

Não se conhece muita coisa sobre o chimpanzé-anão ou chimpanzé-pigmeu. Sabe-se que é sociável e que vive em bandos de até trinta indivíduos. Parece certo que seus hábitos são semelhantes aos do chimpanzé-comum, seu primo "gigante". Assim, os bandos não são estáveis, mas mudam constantemente. Há sempre indivíduos indo embora e outros chegando, para ficar no grupo temporariamente.

Distribuição geográfica. O chimpanzé-anão vive no centro do Zaire.

Habitat. Florestas e savanas.

Medidas de proteção. As populações de chimpanzés-anões estão diminuindo devido à destruição de seu ambiente natural e à caça clandestina. São protegidos por leis, mas, como sempre, elas não são obedecidas, sobretudo nos lugares mais isolados. Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha proibiram a importação da espécie, mas essa medida não é suficiente para evitar a extinção.
Em 1975, 28 chimpanzés (dez machos e dezoito fêmeas) viviam em sete zoológicos do mundo — nove deles, nascidos em cativeiro. A vantagem de se reproduzir bem em cativeiro talvez seja a única garantia contra a extinção do chimpanzé-anão.

ABUTRE-REAL

(Gypaëtus barbatus)

O abutre-real, também chamado em alguns países de abutre-dos-cordeiros, é um animal imponente. Pode atingir 1,5 m de comprimento e, de asas abertas, sua envergadura é de quase 3 m. Pesa cerca de 7 kg. As fêmeas são um pouco maiores que os machos.
O que distingue o abutre-real de outros abutres é a cauda, longa e cuneiforme; e a cabeça, bastante grande, recoberta de plumas claras e ornada por uma faixa negra que parte da base superior do bico, passa pelos olhos e junta-se à faixa situada no alto; uma barbicha de plumas negras e sedosas destaca-se debaixo do bico.

Distribuição geográfica. No século XIX, o abutre-real ainda habitava as cadeias montanhosas da Europa central e meridional. Vivia também em toda a Ásia central, até a China do norte, e na África do norte e oriental. Hoje, a espécie está praticamente extinta na Europa central, na cadeia dos Alpes e na Sardenha. Também está ameaçada em sua área africana.

Habitat. Montanhas de média e grande altitude.

Medidas de proteção. A quase extinção do abutre-real deve-se sobretudo às perseguições que lhe foram movidas por caçadores e pastores — ele alimenta-se de carniça, mas ataca também rebanhos de ovelhas. Nos países em que sobrevive — é o caso da França — as leis que o protegem em geral não são respeitadas.

ÁGUIA-COMEDORA-DE-MACACOS

(Pithecophaga jefferyi)

A águia-comedora-de-macacos foi descoberta no arquipélago das Filipinas em 1894. Recebeu esse nome justamente porque a base de sua alimentação são macacos. Mas ela também gosta de outras presas, investindo às vezes contra animais domésticos.
A águia-comedora-de-macacos reproduz-se a cada dois anos e, ao que parece, não tem mais de dois filhotes por vez.

Distribuição geográfica. A águia-comedora-de-macacos já habitou várias ilhas do arquipélago das Filipinas: Luzón, Samar, Leyte e Mindanao. Hoje, está presente apenas na ilha de Mindanao e, em número muito reduzido, na ilha de Luzón.

Habitat. Bosques, florestas e zonas de árvores muito próximas umas das outras, às vezes mesmo na vizinhança de cidades ou fazendas.

Medidas de proteção. Segundo o *Red Data Book,* em meados da década de 60 não existia mais que uma centena de casais de águias-comedoras-de-macacos. Entre as causas do declínio da espécie estão a baixa natalidade e a captura de exemplares para venda a zoológicos ou para serem empalhados — aliás, este é um velho hábito das populações locais.
Em meados da década de 70, a União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN) lançou um apelo aos diretores de zoológicos no sentido de não adquirirem mais exemplares da espécie em liberdade. Na mesma época, alguns zoológicos puseram em prática um programa de troca de exemplares, a fim de se tentar obter a reprodução em cativeiro.

CASTOR-EUROPEU

(Castor fiber)

O castor-europeu é um dos maiores roedores. Pode atingir 1,20 m de comprimento e pesar 30 kg. A cauda serve de remo e leme quando o animal nada, e de colher de pedreiro para firmar a lama na construção da toca. Em terra firme ele é desajeitado, mas na água revela-se um ágil nadador.

Distribuição geográfica. No passado, o castor era encontrado em quase toda a Europa, a leste dos Pireneus, na Ásia central e setentrional. Hoje está presente apenas nas regiões onde é protegido: curso inferior do rio Rhône (França), ao longo do rio Elba (Alemanha), na Escandinávia, Polônia e Rússia.

Habitat. Bosques de planície, às margens de rios e lagos.

Medidas de proteção. Intensamente caçado por causa do valor comercial de seu belo pêlo, o castor é hoje raro. Em alguns países não existem mais que algumas centenas de exemplares.
Recentemente tentou-se, com sucesso, reintroduzir o castor na Suíça, onde estava extinto desde 1820. Reintroduzir o castor num ambiente natural é, aliás, a única forma de assegurar a sobrevivência da espécie, já que ela não se reproduz bem em cativeiro.

ESQUILO-DO-KAIBAB

(Sciurus aberti kaibabensis)

O esquilo-do-kaibab é maior e mais robusto que o esquilo encontrado na Europa e na Ásia. Tem pêlo castanho, com reflexos cinza e avermelhados. As partes inferiores do corpo são pretas. A cauda, bem volumosa, é branca, com uma listra acinzentada na parte superior. As orelhas apresentam tufos de pêlos escuros.

Distribuição geográfica. Vive apenas no alto platô do Kaibab, no Colorado, Estados Unidos, na margem norte do Grand Canyon.

Habitat. Florestas de carvalhos e de certas espécies de pinheiro. Alimenta-se quase exclusivamente do córtex destas últimas árvores.

Medidas de proteção. Calcula-se em cerca de 1 000 o número de esquilos-do-kaibab. É uma população seriamente ameaçada, devido sobretudo à destruição dos pinheiros.

SAPO-DE-ZETEK

(Atelopus zeteki)

Pelo aspecto, o sapo-de-zetek lembra uma rã — rã dourada *(golden frog),* como a chamam os ingleses, devido à sua magnífica coloração amarelo-ouro. Tem três grandes manchas negras no dorso, e manchas menores nas patas. Os dois primeiros dedos internos das patas são atrofiados.
Na época da reprodução, as fêmeas são atraídas pelos gritos dos machos. Põem os ovos em poças de água criadas pela chuva; ali eles eclodem em apenas 24 horas.

Distribuição geográfica. Vale de Antón, na República do Panamá.

Habitat. Um território de apenas 3 km de diâmetro, inteiramente rodeado de montanhas, exceto no local onde o rio Antón as atravessa, para sair do vale.

Medidas de proteção. Muito procurado como lembrança pelos turistas que visitam o vale de Antón, o sapo-de-zetek é hoje uma espécie extremamente rara. Ignora-se se alguma medida foi tomada no sentido de evitar a sua extinção.

SALAMANDRA-GIGANTE-DO-JAPÃO

(Andrias japonicus)

A salamandra-gigante-do-japão pode atingir 1,6 m de comprimento, tamanho considerável para uma salamandra. Seu corpo pesado e maciço é recoberto por uma pele enrugada, marrom-avermelhada. Tem hábitos "caseiros", ou seja, fica anos e anos no mesmo território, e, se for retirada dali à força, acaba sempre retornando. Ela só abandona o seu território na época da reprodução, período em que o macho tem papel preponderante. Afinal, é ele que cuida dos ovos durante cerca de dois meses, dia e noite.
Embora passiva, a salamandra-gigante-do-japão reage quando provocada insistentemente. Então ela morde forte, mas sem machucar muito o adversário.

Distribuição geográfica. Regiões da China e do Japão.

Habitat. Cursos de água fria, límpida e corrente, nas montanhas. Na época da reprodução, macho e fêmea procuram regiões mais elevadas.

Medidas de proteção. No Japão, é proibido capturar os representantes desta espécie, desde que foram declarados "monumento nacional da vida selvagem" (1927) e "monumento natural" (1952). No entanto, o controle é difícil nas regiões montanhosas, e a espécie é freqüentemente caçada para servir de alimento ou como produto medicinal. Em 1975, cerca de 145 salamandras-gigantes-do-japão viviam em cativeiro.

RINOCERONTE-INDIANO

(Rhinoceros unicornis)

O rinoceronte-indiano era chamado na Antiguidade de "rinoceronte couraçado". De fato, sua pele, muito dura, está dividida em placas separadas por pregas profundas. Essa característica distingue-o de seu "primo" africano.Outra diferença é quanto aos chifres: dois no rinoceronte-africano, um no rinoceronte-indiano (daí seu nome científico *unicornis*). Os filhotes não têm chifre — este vai aparecendo com a idade.

O rinoceronte-indiano atinge 2 m de altura e pode pesar 4 toneladas; apesar do tamanho, é bom corredor: a galope, chega aos 40 km/h.

Não tem praticamente nenhum inimigo natural. Em seu *habitat* ninguém tem coragem de atacá-lo. E ele só teme o elefante, diante do qual bate em retirada. Mas, mesmo neste caso, já foram vistas fêmeas com filhotes atacar e pôr em fuga o elefante.

Distribuição geográfica. No passado, o rinoceronte-indiano vivia em grande parte da Índia e do Nepal, no sopé das regiões montanhosas de Hindou Kouch, a oeste de Peshawar, até a região meridional coberta de savanas arbustivas das margens do Indo, ao sul de Caxemira e ao longo das montanhas do Himalaia, até a fronteira da Birmânia. Hoje, vive apenas nos parques nacionais do Nepal e no Estado indiano de Assam.

Habitat. Seu ambiente preferido são regiões pantanosas com arbustos altos e caniços abundantes, entremeados de alagados e lagos de margens argilosas, lamacentas. Gosta também de planícies cortadas por cursos de água. Atualmente, porém, muitos rinocerontes-indianos vivem em florestas secas e pastam nos campos cultivados dos arredores.

Medidas de proteção. Em 1973, calculava-se em 900 o número de rinocerontes-indianos. Em 1976, sabia-se que pelo menos 200 viviam no Nepal, no Parque Nacional de Chitawan, e seu número parecia estar aumentando. Entretanto, em certas regiões, o contrabando de chifres de rinoceronte, muito procurados pelo poder afrodisíaco que certas populações orientais lhes atribuem, constitui ainda uma séria ameaça.

Leis severas punem os caçadores furtivos, e medidas de proteção foram tomadas para preservar os ambientes em que a espécie vive. Certos países proibiram a importação de rinocerontes-indianos e a autorização especial só é fornecida por motivos científicos, culturais ou de repovoamento.

ONAGRO
(Equus hemionus)

Os onagros têm características comuns com os asnos e com os cavalos. Na cauda, apenas a parte terminal tem pêlos. As orelhas lembram as dos asnos africanos. Vivem em bandos, geralmente liderados por uma fêmea velha. De dia marcham pelas colinas, em busca de alimentos. À noite, repousam abrigados pela copa das árvores — sempre relativamente afastados uns dos outros. Também bebem água isoladamente, o que leva a crer que eles só se deslocam em grandes grupos por questão de segurança. Em fuga, podem atingir 70 km/h, mas sua velocidade média é de 40-50 km/h.
Existem cinco subespécies de onagro: a síria *(Equus hemionus hemippus)*; a indiana *(Equus h. khur)*, também chamada de khur; o onagro-da-mongólia ou koulan *(Equus h. hemionus)*; o onagro *(Equus h. onager)*; e o kiang *(Equus h. kiang)*, aqui ilustrado. Este é o maior dos onagros: mede 1,50 m (no garrote) e pesa de 300 a 400 kg.

Distribuição geográfica. No passado, os onagros habitavam uma vasta região, da península Arábica até a Mongólia e o Tibete. Das cinco subespécies, as mais ameaçadas são a síria e o khur. O onagro sírio vivia na Síria, Palestina, Arábia e Iraque. Acredita-se que ele ainda sobreviva numa pequena área ao norte da fronteira entre a Síria e a Turquia, mas não há nada de concreto que prove isso. O khur, antigamente abundante no noroeste da Índia e no Paquistão ocidental, está hoje restrito a uma pequena região desértica, na fronteira do Paquistão e Guzerate.

Habitat. Regiões desérticas e semidesérticas, com arbustos esparsos. Para o khur, zonas desérticas, ricas em depósitos salinos.

Medidas de proteção. É provável que a raça síria tenha sido extinta há cerca de trinta, quarenta anos no grande deserto sírio, resultado do extermínio que lhe foi movido pelas tribos de beduínos do norte do país. Os khurs, estimados entre 3 000 e 5 000 em 1946, estavam reduzidos a 870 em 1962. No final de 1969 eram apenas 368. A grande diminuição do número de exemplares desta raça parece ter como causa principal certas epidemias, que a partir de 1940 a teriam dizimado. Um programa governamental de vacinação de cavalos e asnos, iniciado em 1961, não obteve os resultados esperados.
Em 1975, cerca de 330 koulans e onagros, 17 kiangs e 10 khurs estavam presentes em 75 parques e zoológicos de todo o mundo. Não havia, porém, nenhum exemplar do onagro sírio.

GAIVOTA-DE-AUDOUIN

(Larus audouinii)

A gaivota-de-audouin é, segundo alguns estudiosos, a mais selvagem das gaivotas. O que a distingue das demais é uma faixa preta que envolve seu bico como um anel. Tem cerca de 50 cm de comprimento e sua envergadura alar não ultrapassa 40 cm. Como a maioria dos pássaros marinhos, nidifica em colônias, nas costas de ilhas desertas. Durante o período de choco e de criação dos filhotes, os pais nunca se afastam do ninho.

Distribuição geográfica. É uma espécie típica do Mediterrâneo ocidental.

Habitat. Durante o período de choco, a gaivota-de-audouin vive nas faixas costeiras e ilhas e ilhotas isoladas e desertas. O resto do tempo é encontrada em alto-mar, longe da costa.

Medidas de proteção. Acredita-se que existam apenas 1 200 gaivotas-de-audouin. Entre as causas de tão reduzido número, podemos referir a concorrência da gaivota-real, menos medrosa, e que se adaptou melhor à invasão de seu *habitat* pelo homem; e o fato de os pescadores capturarem ovos e filhotes para se alimentar. A espécie é ainda muito disputada por colecionadores.
A gaivota-de-audouin não se beneficia de medidas de proteção especiais, e ignora-se também sua existência em cativeiro, bem como as possibilidades de se reproduzir em tais condições.

ALBATROZ-DE-RABO-CURTO

(Diomedea albatrus)

O albatroz-de-rabo-curto é um pássaro típico do mar. Só procura a costa na época da reprodução, para ali chocar o ovo — único, em cada postura — e dedicar-se à criação do filhote nas suas primeiras semanas de vida.
O filhote caracteriza-se pela plumagem marrom-escura, que se torna branca nos adultos, exceto nos remígios (penas mais longas das asas), que continuam escuros.

Distribuição geográfica. No passado, o albatroz-de-rabo-curto estava presente em todas as ilhas do arquipélago de Bonin, a sudeste do Japão. Hoje, é encontrado apenas na ilha de Torishima.

Habitat. Seu ambiente preferido é o alto-mar.

Medidas de proteção. No século XIX havia mais de 1 milhão de albatrozes-de-rabo-curto. Em 1930, esse número estava reduzido a 2 000 e, em 1953, restavam apenas 23 adultos. O declínio da espécie deve-se sobretudo à caça intensiva que lhe foi movida, tendo em vista o comércio de suas plumas.
Em 1957, o governo japonês decretou que a ilha de Torishima fosse considerada reserva especial do albatroz-de-rabo-curto. Um levantamento feito em 1962 revelou os primeiros resultados positivos dessa medida: havia então 47 exemplares.

MACACO-RABO-DE-LEÃO

(Macaca silenus)

O macaco-rabo-de-leão é um símio de grande porte: os machos podem atingir 1 m de altura; as fêmeas, 78 cm. Mas não é pelo tamanho que ele chama a atenção. Suas principais características são a cauda — cuja semelhança com a do leão lhe valeu o nome popular — e uma espécie de juba que lhe emoldura a cara; nesta sobressaem os olhos, muito vivos, e de íris castanho-clara.

Distribuição geográfica. Em 1859, esta espécie vivia na Índia, de Goa até o cabo Comorim, ocupando toda a região dos Ghates ocidentais. Segundo documentos da época, parece que já então ela se limitava às zonas florestais calmas, certamente muito mais numerosas e extensas que atualmente. Dados mais recentes informam que esse macaco foi visto em Anshi Ghate, entre Kadra e Kumbharwada, a cerca de 300 m de altitude.

Habitat. Florestas de árvores de folhas perenes, até uma altitude máxima de 600 m.

Medidas de proteção. Em 1968 estimou-se em apenas 1 000 o número de macacos-rabo-de-leão em estado selvagem. O declínio continuou nos anos seguintes, apesar das várias medidas tomadas pelo governo indiano.
Em 1975, 266 macacos-rabo-de-leão viviam oficialmente em cativeiro. Entre eles, pelo menos 155 ali tinham nascido, o que prova que é possível a reprodução em condições artificiais adequadas. A espécie é preservada no *Periyar Wildlife Sanctuary* (Santuário da Vida Selvagem de Periyar), onde as condições ambientais são favoráveis, mas os casos de caça furtiva ainda não cessaram.
Entre as causas que concorrem para a extinção da espécie estão: a ampliação das plantações de chá e café; o desbastamento florestal com o objetivo de explorar madeiras de lei; a derrubada contínua de árvores para serem usadas como combustível por fazendeiros e camponeses; a substituição de espécies vegetais nativas por outras de crescimento mais rápido, como, por exemplo, o eucalipto; e a caça, que atinge sobretudo indivíduos jovens, pois os macacos-rabo-de-leão são considerados animais de companhia, agradáveis e divertidos.
A caça com esta finalidade diminuiu graças às medidas que proíbem sua importação, principalmente pelos Estados Unidos, até há pouco tempo um importante mercado desse animal.

ÓRIX-BRANCO

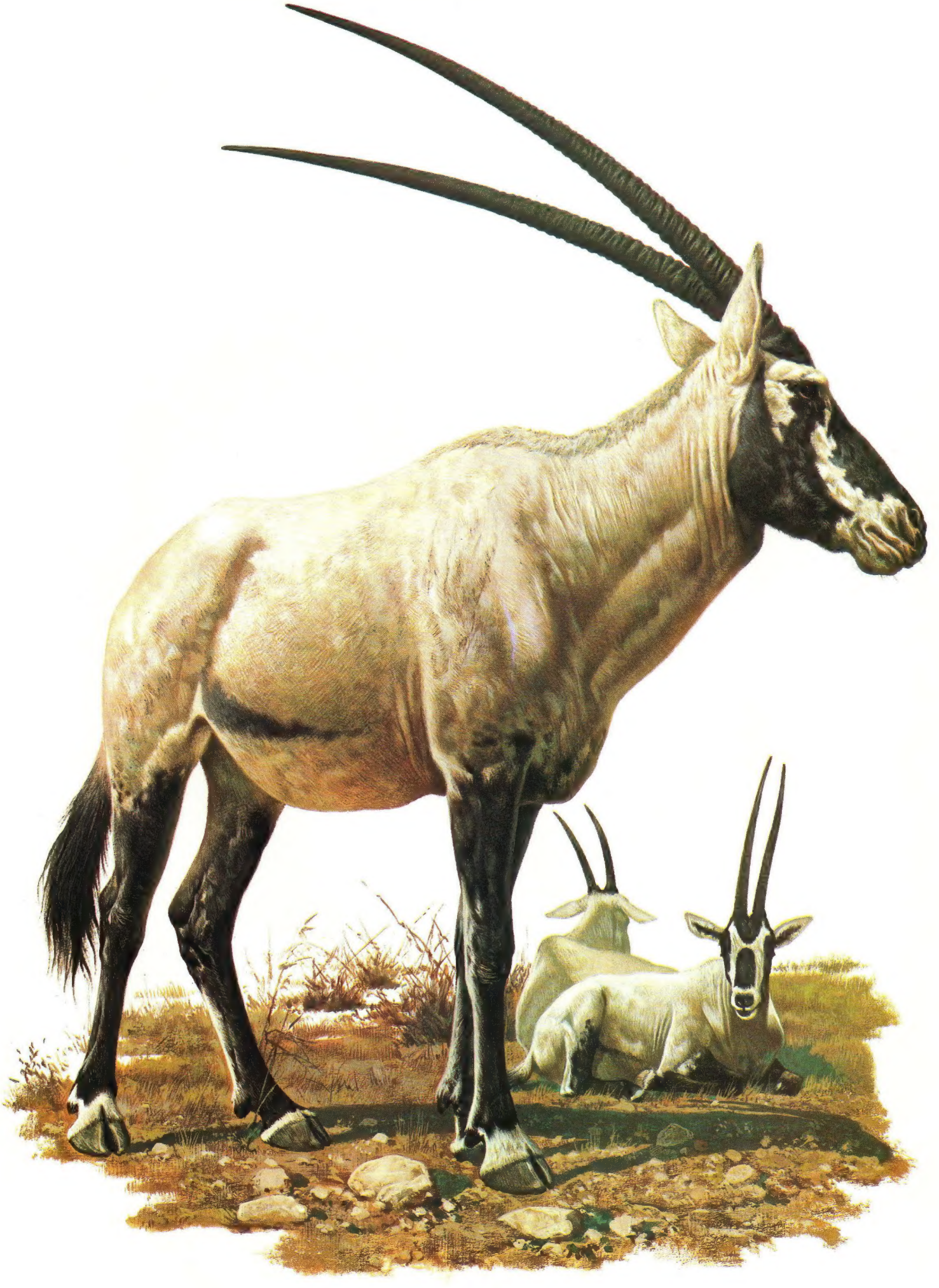
(Oryx leucoryx)

O órix-branco, também chamado de órix-da-arábia, é a mais rara das espécies de antílopes do gênero *Oryx* e, também, a menor: atinge apenas 1 m de altura, no garrote. Os chifres, muito pontudos e quase retos, chegam a medir 75 cm, e são sua grande arma de ataque e de defesa. Quando ameaçado, o órix-branco abaixa a cabeça até ficar com a testa quase paralela ao solo, mantendo os chifres apontados para a frente. É assim que ele consegue afugentar os predadores.

Distribuição geográfica. O órix-branco já ocupou quase toda a península da Arábia. Hoje em dia, ocorre apenas num quadrilátero de 400 por 160 km, no Sultanato de Omã. É provável que haja pequenos grupos isolados vivendo fora dessa região.

Habitat. Regiões desérticas, pedregosas e arenosas, no limite do deserto de areia. Pode ficar muito tempo sem beber e percorrer longas distâncias em busca de pasto.

Medidas de proteção. A principal causa do declínio da espécie foi a intensa caça a que foi submetida, sobretudo nos últimos decênios, devido à exploração de jazidas de petróleo. O órix-branco foi perseguido por jipes e outros meios de transporte mecanizados, e abatido com metralhadoras por soldados em "manobras de guerra" e funcionários de companhias de petróleo. Os *sheiks*, mais ricos, caçavam o órix-branco de avião e helicóptero.
Estima-se que em 1969 já houvesse menos de 200 exemplares da espécie, e acredita-se que esse número tenha continuado a decrescer.
Em 1962, a Sociedade de Preservação da Fauna, de Londres, e a WWF lançaram a "Operação Órix", cujo objetivo era capturar exemplares em seu *habitat* e reproduzi-los em cativeiro. Depois, os descendentes seriam colocados em seu ambiente natural, quando as condições de sobrevivência fossem mais favoráveis. Nove animais foram então enviados ao Zoológico de Phoenix, no Arizona, Estados Unidos, escolhido pelo seu clima desértico. Eles reproduziram-se bem, e seu número aumentou de ano para ano. Em 1972, alguns foram transferidos para o Parque de San Diego, na Califórnia. Em 1976, havia nos Estados Unidos um total de 68 animais, em Phoenix e San Diego. Na Arábia, na mesma época, o *sheik* de Qatar possuía 25 exemplares, o Zoológico de Riyad, 5 e o de Abu Dhabi, outros 5.
Praticamente exterminado em seu *habitat,* o órix-branco está, assim, vivendo bem em cativeiro.



GUIA ILUSTRADO

ANIMAIS EM EXTINÇÃO

Belos, necessários, indefesos. Alguém precisa ajudá-los a viver.

Por que existem hoje, na Natureza, animais ameaçados de extinção? Onde vivem e o que se faz para protegê-los? Nesta edição especial de O MUNDO DOS ANIMAIS estão, em lindos desenhos coloridos, algumas das mais importantes espécies ameaçadas, às vezes essenciais ao equilíbrio do ambiente em que sempre viveram. Aprenda a conhecê-las e a preservá-las, em benefício do próprio homem.

EDIÇÃO ESPECIAL

O MUNDO DOS ANIMAIS

NOVA CULTURAL